

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

VANESSA ELIAS MARTINS

PEDAGOGIA HOSPITALAR: DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA A  
HUMANIZAÇÃO E PRÁTICAS DE UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS  
(A REALIDADE DA CIDADE DE URUAÇU)

URUAÇU-GO  
NOV./2016

VANESSA ELIAS MARTINS

PEDAGOGIA HOSPITALAR: DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA A  
HUMANIZAÇÃO E PRÁTICAS DE UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS  
(A REALIDADE DA CIDADE DE URUAÇU)

Trabalho de Conclusão de Curso, referente ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado a Universidade Estadual de Goiás, Campus Universitário de Uruaçu como requisito parcial de avaliação orientado pela Professora/Especialista Rosangela Xavier Tavares.

URUAÇU-GO  
NOV./2016

VANESSA ELIAS MARTINS

PEDAGOGIA HOSPITALAR: DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA A  
HUMANIZAÇÃO E PRÁTICAS DE UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS  
(A REALIDADE DA CIDADE DE URUAÇU)

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura Plena em  
Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Universitário de Uruaçu, ,  
aprovado (a) em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, de 2016, com a nota \_\_\_\_\_, pela  
Banca Examinadora constituída pelos professores:

PROF<sup>a</sup>/ESPECIALISTA ROSANGELA XAVIER TAVARES  
(Professor/a orientador/a-UEG)

PROF<sup>a</sup>/ESPECIALISTA: JOSCELINA BORGES DE OLIVEIRA SANTANA  
MEMBRO DA BANCA ARGUIDORA - UEG

PROF<sup>a</sup>/ESPECIALISTA: MARIA FERNANDA DO NASCIMENTO LEME  
MEMBRO DA BANCA ARGUIDORA - CONVIDADA

Agradeço em primeiro lugar sempre a Deus, mas também a meus pais que me apoiaram, e a todas as pessoas que me ajudaram a chegar aonde estou. Não foi fácil, mas apoio não me faltou. Obrigada professora Rosangela Tavares pela paciência e dedicação.

Dedico este trabalho primeiramente a minha família que me incentivou a cada minuto e não deixou que eu desistisse. A minha professora e orientadora Rosangela Tavares por toda orientação e carinho a mim dispensada. Obrigada por sempre acreditar em mim, e por todas as palavras de incentivo.

A educação que se processa por meio da Pedagogia Hospitalar, não pode ser identificada como simples instrução (transmissão de alguns conhecimentos formalizados). É muito mais que isto. É um suporte psico-socio-pedagógico dos mais importantes, porque não isola o escolar na condição pura de doente, mas sim, o mantém integrado em suas atividades da escola e da família e apoiado pedagogicamente na sua condição de doente.

Fantacini

## RESUMO

A educação que se processa, por meio da Pedagogia Hospitalar, não pode ser identificada como simples instrução (transmissão de alguns conhecimentos formalizados). É muito mais que isto. É um suporte psico-sociopedagógico dos mais importantes, porque não isola o escolar na condição pura de doente, mas sim, o mantém integrado em suas atividades da escola e da família e apoiado pedagogicamente na sua situação de doente. Foi diante da necessidade de se ter a realidade sobre a Pedagogia Hospitalar, especialmente na cidade de Uruaçu, que esta pesquisa foi desenvolvida. Autores como Lúcia Elizete Matos, Margarida Mugiatti, Silvana Aparecida Siena e Renata Andrea Fernandes, entre outros, trabalharam a teoria aqui apresentada; o trabalho de campo foi realizado em uma instituição de ensino pública superior e um hospital da cidade. O que se pode constatar durante a realização desta pesquisa somada ao trabalho de campo é que muito ainda tem que ser feito para que a Pedagogia Hospitalar venha a fazer parte do cotidiano universitário para que a sociedade reconheça a necessidade do profissional pedagogo hospitalar venha a fazer parte do curso de Pedagogia e dos hospitais.

**Palavras Chave:** Pedagogia Hospitalar, pedagogo, criança hospitalizada, ensino.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
2.1 Sobre a legislação para a Pedagogia Hospitalar.....	12
2.2 O hospital e o estudante hospitalizado.....	14
2.2.1 O lúdico com a brinquedoteca pode ajudar.....	16
2.3 Quem é o profissional/pedagogo hospitalar.....	17
2.3.1 Uma nova possibilidade profissional.....	18
2.4 A humanização necessária.....	21
2.4.1 No trabalho de humanização encontram-se a família e por vezes a morte..	23
2.5 O enfrentamento para aceitação do trabalho da pedagogia hospitalar.....	24
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
3.1 Campo empírico.....	27
3.2 Participantes.....	27
3.3 Escolha dos Participantes.....	27
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>29</b>
4.1 Entrevista com o profissional da saúde.....	29
4.2 Entrevista com a coordenação do curso de Pedagogia .....	30
4.3 Entrevista com Enfermeiro (a) chefe do hospital.....	30
4.4 Analisando a teoria e a realidade.....	31
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>37</b>

**ANEXOS**

**APÊNDICES**



## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda o tema Pedagogia Hospitalar e o papel do pedagogo nessa área de atuação e a humanização necessária para crianças enfermas que passam longo período internadas.

A pesquisa apresentada tem como finalidade apresentar a importância do trabalho do pedagogo em ambientes hospitalares, especialmente em casos de internação de longos períodos, onde a criança é afastada de sua vida escolar para tratar de doenças que precisam de maior recuperação.

No Brasil, a lei garante esse atendimento a essas crianças hospitalizadas através do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), elas tem o direito a desfrutar do atendimento do pedagogo, fator imprescindível para a continuidade da escolaridade depois do tratamento de saúde.

A Pedagogia Hospitalar ainda é pouco conhecida; a formação desses profissionais ainda precisa de um aprimoramento adequado para que tenha êxito na sua atuação profissional.

Exercer esse papel no ambiente hospitalar sempre é bem aceito, alguns hospitais ainda não estão adaptados para receber esse profissional/pedagogo, sendo necessário um espaço lúdico, afetivo com amor, para a criança enferma se sentir bem cuidada e até mesma estimulada a seguir seus estudos depois que sair do ambiente hospitalar. A atuação do pedagogo em ambiente hospitalar ainda é algo novo e pouco se ouvidofalar nessa atuação.

A metodologia utilizada baseia-se na revisão da literatura, fundamentada em estudos que envolvem questões referentes às práticas da Pedagogia Hospitalar e o ambiente onde se e necessária à atuação desse profissional.

O trabalho aqui apresentado traz reflexões a partir de ideias de Matos e Mugiatti (2009; 2014); Silva e Fantacini (2013) entre outros, todos possibilitando o embasamento teórico sobre o tema de estudo, os quais contribuíram para entrevistas feitas com profissionais da saúde e de um profissional no campo da formação de Pedagogia.

Para composição do texto optou-se por uma apresentação de análise de referenciais teóricos e da importância do pedagogo em ambiente hospitalar, logo, o lócus da pesquisa fez-se através da somatória de um conjunto de informações obtidas através de entrevistas realizadas com profissionais da saúde e de formação

do pedagogo, com as citadas teorias.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A Pedagogia Hospitalar surgiu no Brasil na década de 1950, no Rio de Janeiro, no Hospital Escola Municipal Menino de Jesus. Isso ocorreu devido a Segunda Guerra Mundial, por situações provocadas pela grande quantidade de crianças feridas que estariam impossibilitadas de frequentar a escola. Diante de tal evento, a Pedagogia Hospitalar veio para amenizar esse afastamento do ambiente escolar.

SILVA; ANDRADE (2013, p. 19), ressalta que:

A Pedagogia Hospitalar se efetiva como um direito dos sujeitos que se encontram hospitalizados e consiste numa prática educativa inclusiva focada na atenção humanizada e no cuidado essencial àqueles que, acometidos por uma patologia aguda ou crônica, precisaram se afastar do convívio da família, da escola, da igreja e das demais instituições onde possuem uma rotina, para serem submetidos ao tratamento por tempo (in) determinado.

Foi reconhecida em 1994, através da Política Nacional de Educação Especial (MEC/ SEESP, 1994), considerada um processo educativo não escolar que apresenta grandes desafios aos educadores e ao mesmo tempo possibilita a construção de novos conhecimentos e atitudes daqueles que se encontram hospitalizados. Garante o atendimento pedagógico-educacional durante o período de internação, o que possibilita ainda a reintegração da criança hospitalizada na sua escola de origem quando de sua recuperação e/ou autorização médica.

A Pedagogia Hospitalar aponta, ainda, mais um recurso contributivo a cura. Favorece a associação do resgate, de forma multi/inter/transdisciplinar, da condição inata do organismo, de saúde e bem-estar, ao resgate da humanização e da cidadania. MATOS, MUGIATTI (2014, p. 29).

Devido a longos períodos de internação a criança enferma precisa de um acompanhamento que possibilite à continuidade do desenvolvimento de seu processo de aprendizagem, afinal mesmo hospitalizada, continua em desenvolvimento, e este processo não pode e nem deve ser interrompido por ocasião de uma internação.

Legalmente a educação é direito de todos e para todos, logo o ambiente

hospitalar não poderia deixar de oferecer um espaço em que também seja possível educar e amparar crianças no momento que estão enfermas precisando de internação. O principal objetivo da Pedagogia Hospitalar é proporcionar as crianças uma continuação do ensino, amparadas por leis que garantam esse direito. Referente a isso, Matos e Mugiatti (2014, p. 46) afirmam que:

Se a ação pedagógica integrada é importante para toda pessoa, também o será para a criança (ou adolescente) enferma, considerando que o seu processo de educação foi interrompido, gerando, entre outros impedimentos, o de frequentar a escola regular. Assim, todo seu projeto de vida passa a depender mais da ação positiva competente da Pedagogia Hospitalar do que da natureza, curso e sequelas da sua enfermidade, principalmente se não estiver preparada para enfrentar essa realidade.

Cabe ao profissional/pedagogo o intercâmbio entre o conhecimento e a criança hospitalizada, buscando reduzir assim o fracasso escolar decorrente desse período de fragilidade. A esse profissional cabe o papel de diminuir o trauma hospitalar, buscando o envolvimento do aluno respeitando suas necessidades e seus interesses, estimulando então a autoestima, mesmo em um momento tão delicado como o da internação, garantindo assim a continuidade da vida escolar.

Mas para que este trabalho tenha êxito é necessário que o profissional/pedagogo faça um minucioso trabalho, respeitando a fragilidade da criança, buscando sempre um planejamento diversificado para cada caso específico. Esse planejamento deve ser flexível, porquanto a criança deve e precisa ser respeitada em seu momento e quadro clínico.

Segundo Matos e Mugiatti (2014), o pedagogo hospitalar deve desenvolver habilidades para exercer suas atividades em sistemas integrados, em que as relações multi/inter/transdisciplinares devam ser estreitas. Tal condição requer um fazer e um agir que não devam estar vinculados a processos estanques, deixando o educador livre para desenvolver e analisar sua ação pedagógica, a fim de fazê-la reflexiva e transformadora da realidade que envolve o estudante atendido no contexto hospitalar.

A ação e a intervenção desse profissional precisam estar adaptadas e programadas mediante a capacidade e a disponibilidade de cada criança hospitalizada.

Segundo o Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e do Adolescente

(CNDCA), a Pedagogia Hospitalar divide-se em duas modalidades: A classe hospitalar, que se refere à escolarização no ambiente hospitalar e Recreação Hospitalar, que diz respeito ao direito que a criança tem de brincar.

O profissional/pedagogo que escolhe trabalhar no ambiente hospitalar estará sujeito a grandes desafios, estando aberto a novas descobertas, novos aprendizados e novos saberes que certamente lhe auxiliarão a transmitir o conhecimento a essas crianças.

Referente à ação e a intervenção, Silva; Andrade (*apud* MATOS; MUGIATTI, 2014, p. 107).

A ação e a intervenção precisam ser bem adaptadas e programadas para que atendam às capacidades e disponibilidades das crianças hospitalizadas, desde os materiais a serem utilizados, o espaço e a carga horária destinada para a realização da atividade. A Pedagogia Hospitalar vem, então, contribuir para a inovação da assistência clínica Infanto-juvenil, nos seus múltiplos procedimentos, trazendo muitos benefícios à criança hospitalizada.

A adaptação e o planejamento adequado possibilitam uma aproximação necessária; a criança passa por períodos de trauma e isso não pode prejudicar o seu rendimento escolar porque mesmo hospitalizada, poderá continuar o seu aprendizado nesse ambiente.

O profissional/pedagogo tem o papel de mediador dos conteúdos escolares, buscando estimular a autoestima e a autoconfiança da criança hospitalizada, resgatando quem sabe, a esperança de uma volta a vida normal após o período de enfermidade e hospitalização.

## **2.1 Sobre a legislação para a Pedagogia Hospitalar**

A criança enferma quando hospitalizada, tem seus direitos assegurados na Legislação quanto ao direito de atendimento pedagógico-educacional porque, mesmo estando internada é uma cidadã, que como todos os outros precisa de atendimento educacional, mesmo estando em período de internação e frágil.

A Constituição Federal de 1988, já conhecida por todos, afirma que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família. No Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, a Lei nº 8.068/90 de 13 de Julho de 1990 ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)), destaca que:

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (incluído pela Lei nº 13.257, de 2016).

Art. 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referente à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Além de atendimento pedagógico hospitalar, a criança tem direito ao atendimento domiciliar amparado por lei. A Resolução CNE/CEB (Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica) nº. 2 em seu artigo 13, nos parágrafos 1º e 2º, dizendo respeito ao atendimento hospitalar e domiciliar:

§ 1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

§ 2º Nos casos de que trata este artigo, a certificação de frequência deve ser realizada com base no relatório elaborado pelo professor especializado que atende o aluno.

Muitas leis e decretos foram feitos, mas poucos se encontram em plena função; para que tais leis e decretos sejam suficientes são necessárias verbas, a profissionalização dos profissionais da educação para a área hospitalar, e o principal, a efetivação destas leis, para que o direito dessas crianças enfermas sejam realmente assegurados e exercidos como assim são colocados.

Matos; Mugiatti (2014, p.38) citam que, referendados pela Sociedade Brasileira de Pediatria, se torna oportuno apresentar, abaixo os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados:

- 1) Direito à proteção à vida e à saúde, com absoluta prioridade e sem qualquer forma de discriminação.
- 2) Direito a ser hospitalizado quando for necessário ao seu tratamento, sem distinção de classe social, condição econômica, raça ou crença religiosa.

- 3) Direito a não ser ou permanecer hospitalizado desnecessariamente por qualquer razão alheia ao melhor tratamento de sua enfermidade.
- 4) Direito de ser acompanhado por sua mãe, pai ou responsável, durante todo o período de sua hospitalização, bem como receber visitas.

Todos são direitos assegurados por lei, o que possibilitam um atendimento adequado para cada caso clínico de crianças hospitalizadas; para que esse atendimento seja acessível, são necessários ambientes que sejam favoráveis e auxiliem o profissional/pedagogo nesse atendimento pedagógico. Ambientes esses, que também são assegurados por lei, como é o caso da brinquedoteca, que é de fundamental importância para o aprendizado das crianças hospitalizadas.

## **2.2 O hospital e o estudante hospitalizado**

No ambiente hospitalar encontram-se crianças de diversas realidades socioculturais, idades, e ainda escolaridades diferentes. Essa diversidade é um fator característico do ambiente de aprendizagem e é nesse contexto que a criança tem a oportunidade de construir conhecimentos, mesmo no momento de internação.

Segundo Matos; Mugiatti (2014, p. 60):

Trata-se da situação de crianças e adolescentes, em idade escolar, que submetidas a longos períodos de hospitalização ficam impossibilitadas de seguir o seu ano letivo escolar. Ou daqueles que nem chegam a se matricular, pelo mesmo motivo, atingindo a pré-adolescência em estado de analfabetismo ou nas primeiras séries escolares.

Como já dito, devido a longos períodos de hospitalização essas crianças ficam impossibilitadas de frequentar o ambiente escolar. Esse contexto tem provocado discussões, trazendo a tona métodos que poderão ser utilizados na escolarização dentro do ambiente hospitalar.

O problema é evidente, pois o processo de escolaridade é quantitativo e qualitativamente prejudicado nesse momento tão delicado, podendo trazer sérios prejuízos, como a perda de ano letivo.

A rede hospitalar deve procurar oferecer o atendimento de um pedagogo à criança e ao adolescente enfermo, sendo necessária a busca de conciliação entre o tratamento e o processo de escolaridade, buscando resultados positivos, garantindo

a integridade e um resultado educacional na vida do hospitalizado. Mas sabe-se que esse atendimento nem sempre está ao alcance de todas as crianças.

Segundo Silva; Andrade (2013, p. 36):

A articulação entre Educação e Saúde deve ser pensada através de políticas públicas que visem às práticas sociais em diálogo com as necessidades e possibilidades das classes populares. São vítimas da carência de Educação e Saúde os que, muitas vezes, não têm nem o direito a uma moradia quanto mais alimentação saudável e condições de higiene pessoal.

O principal objetivo deve procurar fazer com que a criança enferma receba atendimento adequado, possibilitando seu retorno à vida escolar, sentindo-se motivada a retornar à suas atividades depois do período de tratamento.

Porém Matos e Mugiatti ressaltam que:

O que mais importa é que a criança ou adolescente hospitalizado venha receber, sempre e com máximo empenho, o atendimento a que fazem jus, nessa tão importante fase de sua vida, na qual depende sua futura estrutura, enquanto pessoa e cidadão. (2014, p. 65).

E notável a falta de assistência adequada a crianças enfermas que se veem obrigadas a se afastar do ambiente escolar. Está claro que isso acarreta prejuízos a sua vida estudantil, e aí o hospital tem o papel de poder amenizar essa situação.

Quando são observados os hospitais vê-se que essa realidade está longe de se tornar algo próximo do que se realmente precisa. Bem diferente do que se espera, na maioria desses ambientes sente-se o aspecto frio e doloroso; muitas vezes a família encontra-se distante, agravando mais o problema.

O quadro de profissionais médicos muitas vezes também, e por vários motivos acaba por se distanciar do paciente; preocupados com a cura da enfermidade física acabam por não se envolver com o ser humano emocionalmente fragilizado com a enfermidade, e essa situação tende a se agravar quando se trata de uma criança que está em desenvolvimento. Ela passa por esse período de internação trazendo consigo medos, angústias, solidão e até mesmo uma difícil aceitação sobre essa nova realidade. A família passa a ser de extrema importância, o afeto e o carinho possibilitam uma recuperação mais rápida e menos traumática.

Silva e Andrade (2013) acreditam que no contexto hospitalar, as práticas educativas mediadas pelo lúdico e pela brincadeira auxiliam a criança e o



adolescente na recuperação de sua saúde, tendo em vista que a ocupação do tempo com os atos de brincar e aprender são capazes de espantar a tristeza, dando lugar à invenção através da imaginação criadora.

Especialmente nesses casos, a criança precisa de um atendimento humanizado, minimizando assim sua dor e sofrimento pelo seu estado de saúde. Daí se dá a necessidade da intervenção do profissional/pedagogo, pois o atendimento desse profissional pode ajudar a reabilitação da saúde e vida escolar dessa criança.

A atuação da equipe de profissionais/pedagogos e de um projeto pedagógico deve ser harmoniosa, com um atendimento ao estudante hospitalizado personalizado, pois cada caso é único, sendo necessário ser atendido segundo suas especificidades.

O profissional/pedagogo precisa em tudo refletir, escrever e construir sua prática, pois o mesmo não é o professor da escola que lida com crianças “saudáveis”; esse professor está em contato com crianças enfermas que pelo motivo de estarem afastadas da vida social, familiar e escolar acaba trazendo para si traumas que se não forem amparados pode acarretar sérios prejuízos no futuro.

Essa formação e qualificação se tornam uma exigência técnica e profissional para que o pedagogo atue na Pedagogia Hospitalar, que também necessita de um espaço físico adequado, recursos para poder atender a criança enferma, materiais didáticos adequados que possam ser deslocados da classe hospitalar até o quarto da criança hospitalizada, facilitando as atividades que o pedagogo propor ao mesmo.

### **2.2.1 O lúdico com a brinquedoteca pode ajudar**

A Brinquedoteca é um espaço criado para auxiliar o brincar e o aprender das crianças hospitalizadas; esse local busca como principal objetivo estimular o lúdico e a ludicidade. Segundo Silva, Andrade (2013, p. 29).

O brincar no hospital passa a ser uma forma de garantir que a criança hospitalizada tenha seu direito concretizado, uma vez que se encontra num espaço diferente do vivido cotidianamente e tem uma parte de sua vida interrompida, como a escolarização, as amizades, o lar, seus brinquedos etc. Isso contribuirá para que a criança continue a desenvolver-se plenamente, concluindo as etapas da vida sem nenhum prejuízo.

A Lei 11.104/2005, de autoria da Deputada Luiza Erundina (PSB-SP), tornou obrigatória a instalação de brinquedotecas em hospitais públicos e privados que possuem unidades pediátricas no Brasil.

Uma das finalidades da Brinquedoteca é ajudar em atividades lúdicas e criativas, possibilitando ao profissional/pedagogo o resgate do aprendizado da criança hospitalizada. A brincadeira é considerada terapêutica e de suma importância porque propicia momentos de lazer e recreação, pois por instantes faz com que a criança interaja e muitas vezes se esqueça por algum tempo seu estado clínico. A Brinquedoteca ajuda na promoção do desenvolvimento emocional, físico e mental das crianças hospitalizadas por longos períodos. Ela ainda tem um papel muito importante no ambiente hospitalar, pois contribui com a criança que está em desenvolvimento físico e mental que por motivo de enfermidade permanece internada.

SILVA; ANDRADE (2013. p. 72), relata que:

A Brinquedoteca deve promover o brincar para as crianças hospitalizadas, nos seus leitos ou em um espaço físico especialmente destinado às atividades, permitindo, assim, que a criança exercite os aspectos sensoriais, motores, perceptivos, afetivos, volitivos e sociais um lugar em que o brincar estará configurado como um conjunto de ações da criança sobre o meio e vice-versa.

Constata-se então, que a Brinquedoteca não deve ser apenas uma sala de recreação; é em primeira instância, uma mudança necessária frente à postura da educação, possibilitando deixar de lado métodos tradicionais trazendo para criança algo inovador, brincadeiras que facilitem o aprendizado, dando a oportunidade da espontaneidade, despertando o interesse pelo aprendizado em um ambiente pouco agradável, como um hospital. Ali pode ser estimulada sua liderança e o respeito às normas estabelecidas no ambiente, que pode sim proporcionar a aproximação com outras crianças que também por motivos de enfermidades, se encontram em ambientes hospitalares, necessitando de um espaço lúdico e terapêutico, que garantam seu direito e socializar-se com seus pares.

### **2.3 Quem é o profissional/pedagogo hospitalar**

Devido à necessidade e a demanda não apenas das instituições regulares de

ensino, começa a surgir a necessidade de um novo perfil de pedagogo, provocando uma extensa discussão sobre essa prática educativa, repleta de uma nova perspectiva e uma formação específica e continuada para desenvolver o papel de pedagogo, por exemplo, no ambiente hospitalar.

O profissional/pedagogo deve ter acesso a capacitações que lhe tragam possibilidades de aprender estratégias que aperfeiçoem sua prática. É fato de que o pedagogo não sai de uma universidade pronto para exercer o papel de pedagogo hospitalar, ele precisa e deve ter uma capacitação apropriada para a prática de ensino específica nesta área.

Silva; Andrade (*apud* MATOS; MUGIATTI, 2014, p. 122), chamam a atenção que:

Tal demanda emergente de conhecimento, de preparo, principalmente do pedagogo, para esse específico atendimento, desafia os profissionais envolvidos, em especial do curso de pedagogia. Acredita-se haver necessidade de específica habilitação para o atendimento não só ao escolar doente/hospitalizado em tempo de internação, mas também em situação de recuperação em ambiente domiciliar, o qual a própria lei do CNE/2001 já alerta a essa necessidade.

Devido suas especificidades e necessidades, surge a urgência de uma formação que possibilite o acesso à criança/adolescente hospitalizada. Além da formação, o profissional/pedagogo deve estar ciente do estado emocional de cada criança, pois cada uma apresenta uma situação diferente: limitações físicas, emocionais, sociais, culturais, entre outros. É dele a responsabilidade em desenvolver atividades lúdicas que proporcionem a criança/adolescente uma recreação onde se pode minimizar a ansiedade, a angústia, a tristeza, ou seja, sentimentos ruins causados pela internação. Buscar a interação e o aprendizado da criança que devido à doença, foi privada do convívio familiar, escolar e social amparada por esse profissional; um desafio para o pedagogo.

Silva e Andrade (2013 p. 86) acrescentam que:

Partindo dessa formação que compreende o indivíduo como um todo, rompendo com a dicotomia corpo-mente, o profissional terá mais possibilidades de desenvolver uma prática pedagógica qualificada no ambiente hospitalar de formar e contribuir positivamente nesse campo de atuação.

E necessário que o pedagogo desenvolva a prática pedagógica no hospital,

buscando valorizar o escolar doente, transmitindo segurança, procurando ao máximo afastar o medo e a tristeza, ocupando-lhe o tempo com atividades prazerosas, contribuindo para sua recuperação.

Essa formação levará ao professor à compreensão e ao amadurecimento emocional que lhe possibilitará a lida com possíveis conflitos e tomadas de decisões sobre o caminho a ser percorrido.

Portanto, torna-se necessário uma reformulação nas licenciaturas em Pedagogia que formam esses educadores para que se obtenha uma melhoria na qualidade de atendimento também a crianças enfermas. O profissional/pedagogo precisa ser flexível, demonstrando o domínio sobre os conteúdos básicos e os recursos que na maioria das vezes deve ser utilizado individualizado devido a cada caso de enfermidade de seus alunos.

De acordo com Silva e Andrade (2013. p. 87), baseado nesse posicionamento, se pode:

Internalizar o quanto o pedagogo pode contribuir no hospital, desde que tenha formação adequada para esse atendimento personalizado, visando à humanização do espaço e resignificando-o para que se transforme em um cenário de cuidado da saúde, mas também lúdico e, principalmente, de aprendizagem.

Percebe-se na fala dos autores o quão imperiosa se torna uma boa formação para essa área da Pedagogia, sendo a humanização fator preponderante no sucesso do pedagogo no ambiente hospitalar.

### **2.3.1 Uma nova possibilidade profissional**

Diante o estudo realizado percebe-se que a atuação do profissional/pedagogo necessariamente não precisa se restringir apenas no ambiente escolar, além desse ambiente, o profissional/pedagogo tem fundamental papel de auxiliar no ensino/aprendizagem de crianças hospitalizadas. Além disso, é necessário que busque ocupar espaço também nesse aspecto profissional.

O pedagogo pode atuar em várias áreas da educação, áreas essas que abrangem hospitais, empresas, ONGs, gestor, e profissional que trabalhe com crianças com necessidade educacional especial.

Silva; Fantacini (*apud* LIBÂNEO 2014, p. 122), ressalta que:

O pedagogo é o profissional que atua em vários campos educativos. O papel do pedagogo é amplo e não apenas na gestão, supervisão e coordenação das escolas, como também na pesquisa, na administração dos sistemas de ensino, no planejamento educacional, na definição de políticas educacionais, nos movimentos sociais, nas empresas, nas várias instâncias da educação de adultos, nos serviços de psicopedagogia e orientação educacional, nos programas sociais, nos serviços para a terceira idade, nos serviços de lazer e animação cultural, na televisão, no rádio, na produção de vídeos, filmes e brinquedos, nas editoras, na requalificação profissional, etc.

Diante de tal demanda, o profissional/pedagogo ocupa, como já mencionado aqui, o papel de mediador de conhecimento a essas crianças em período de ensino/aprendizagem, trazendo possibilidades de amenizar seu insucesso escolar.

A pedagogia hospitalar deve ser encarada como uma nova possibilidade profissional que auxilie na recuperação e auxílio para a área hospitalar, auxiliando crianças que por algum motivo de saúde estão hospitalizadas.

Em seu artigo Silva; Fantacini (2013, p.44), ressalta que, “o trabalho do pedagogo no hospital é muito importante para ajudar o aluno nas necessidades de desenvolvimento pedagógico, auxiliando no trabalho psicológico e social com a criança”.

Para alcançar suas metas, o pedagogo hospitalar necessita ampliar sua compreensão, sensibilidade e energia, para fornecer um atendimento com qualidade, para que as crianças possam a cada dia esquecer-se da situação em que se encontram e dar continuidade à sua vida.

Esse profissional deve ainda, ser pesquisador de sua teoria e reflexivo sobre sua atuação na prática da educação hospitalar. A pedagogia hospitalar é um longo caminho ainda a ser percorrido, pouco se sabe sobre essa modalidade profissional; modalidade essa que tem um papel humanizador e que deve ser desenvolvido de forma multi/inter/transdisciplinar.

LIMA; PALEOLOGO em seu artigo (apud, CECCIM 1999, p.43), afirma que:

A função do professor de classe hospitalar não é apenas ocupar criativamente o tempo da criança para que ela possa expressar e elaborar os sentimentos trazidos pelo adoecimento e pela hospitalização, aprendendo novas condutas emocionais, como também não é a de apenas abrir espaços lúdicos com ênfase no lazer pedagógico para que a criança “esqueça por alguns momentos” que esta doente ou em um hospital. O professor deve estar no hospital para operar com os processos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares às crianças.

Como se pode ver, essa nova possibilidade profissional necessita de um olhar minucioso por parte de seus responsáveis, que auxilie o profissional/pedagogo em sua formação, dada a importância do pedagogo dentro do ambiente hospitalar.

Portanto, uma formação continuada e especialização desse profissional tem sido imprescindível para sua atuação, possibilidade profissional não falta, mas de forma singular pode contribuir para uma humanização adequada para essas crianças.

## **2.4 A humanização necessária**

A Pedagogia hospitalar pode contribuir com a humanização dos atendimentos em hospitais; a ética e o respeito ao outro que sofre, especialmente em se tratando de crianças. Esse atendimento possibilitará a estas uma adaptação no espaço em que se encontram e mesmo de suas próprias vidas, propiciando também a oportunidade de seu desenvolvimento escolar, sua vida social, cultural e condições de bem-estar, tendo como objetivo uma real vivência pedagógica, atenta e sensível.

Tratar de humanização, especialmente nestes ambientes não é fácil, pois são muitos os obstáculos a serem superados. Respeitar o outro em situações de fragilidade, lembrando sempre de que quando se trata de crianças a situação se agrava, e em uma internação é ainda mais complexo, buscando sempre resultados positivos para o tratamento. Matos, Mugiatti (2015, p.64), acrescenta ainda que:

Sente-se nitidamente o peso dessa responsabilidade alicerçada no mais profundo respeito pela tarefa humana de recuperar a saúde da criança (ou adolescente) hospitalizada, esta já tão fragilizada em relação à sua faixa etária e também em risco, pela vulnerabilidade ocasionada pela própria doença ou o fato que a conduziu a hospitalização.

A humanização deveria começar na entrada da unidade de atendimento, com profissionais aptos a exercer sua função. Lembrando que este processo não abrange somente o atendimento, mas também o trabalho em conjunto desenvolvido por toda a equipe de cada unidade, desde a recepcionista até os responsáveis pela limpeza do ambiente, especialmente as equipes médicas e de enfermagem, objetivando o êxito no processo de humanização no hospital e na saúde do indivíduo.

Silva e Andrade afirmam que:

No entanto, no ambiente hospitalar, essas relações são cortadas, ou pelo menos esquecidas, entre as equipes médicas e os demais profissionais, desde a recepção até os serviços gerais. Notamos que a criança hospitalizada, foco principal deste trabalho, é tratada como um número do prontuário ou do leito, e seus anseios são abafados, os cuidados se limitam apenas ao corpo, sua doença (2013, p. 42).

Essa diversidade no atendimento ao hospitalizado passa a ser algo motivador, mas também como já ressaltado, desafiador. O paciente sendo atendido com maior atenção durante o período de internação quando humanizado, passa a ser menos doloroso, sendo o entrosamento com a equipe menos traumático para a criança, pois com suas emoções mais equilibradas, é certo auxiliará ainda mais seu tratamento.

A humanização deve ser um trabalho desenvolvido de forma multi/inter/transdisciplinar, onde toda a equipe hospitalar possa estar integrada garantindo um atendimento humanizado que proporcione a esse período de internação ser menos doloroso, tanto para o enfermo quanto para a família do mesmo.

Em seu artigo sobre a Educação Hospitalar, Luciane do Rócio dos Santos de Souza, (2014 p. 61), cita sobre os profissionais/pedagogos hospitalares:

A ação dos profissionais da educação hospitalar em sua prática deve ser um processo que implica o ensino ativo, dialógico e interativo entre a escola, família e o estudante, no qual o aluno é compreendido a partir de sua relação e integração em diferentes grupos sociais, educacionais e culturais. Devemos converter suas experiências em aprendizagens, rompendo os preconceitos, a fim de que todos possam aprender, valorizando as diferentes concepções de aprendizagem, os atributos pessoais, metas, ritmos e necessidades comuns ou específicos de cada estudante.

O humanizar está ligado diretamente com o cuidar; o cuidado com o próximo. Mas nem sempre essa humanização consegue atingir seu objetivo, pois devido ao enfoque principal que é a enfermidade da criança que na maioria das vezes é tratada apenas como paciente, sendo esquecidos seus anseios, que vão além da saúde.

A criança acima de tudo é um ser em desenvolvimento e por motivos de internação se torna vítima de um rompimento das atividades diárias, como brincar,

estudar, e interagir com seus familiares em geral.

Diante desses casos, o cuidado tem que ser obrigatório e é nesse momento que a humanização transforma e dá condição a essas crianças para que consigam, ainda que de maneira diferente, voltar a sua rotina estudantil.

Sabe-se que é possível garantir esse direito também a criança hospitalizada, mas para que isso se efetive é necessário que os profissionais da saúde visualizem a educação em si, assim como no âmbito da saúde, dentro de um ambiente hospitalar, pois educação é vida, e vida é saúde.

#### **2.4.1 No trabalho de humanização encontram-se a família e por vezes a morte**

O profissional/pedagogo enfrenta vários desafios, isso já foi aqui ressaltado, que geram preocupação sobre a qualidade do atendimento na área hospitalar; por exemplo, o pedagogo precisa trabalhar com a hipótese de “morte do hospitalizado”, e isso pode acarretar um sofrimento muito grande para a família, daí a necessidade desse profissional ter um contato direto com a família, possibilitando através dessa aproximação um bom desempenho, pois diante desta perda torna-se impossível a continuidade no papel de mediador de conhecimento, pois seu público alvo já não se encontra mais ali.

Carvalho (2011) aponta que 60% dos pedagogos entrevistados por ele relatam que a morte é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo profissional pedagogo hospitalar,, muitas vezes trazendo a tona a possibilidade de desistir de prosseguir neste seguimento da Pedagogia.

O desespero da família que vive esse drama é avassalador, e diante de tal problema, o pedagogo deve criar métodos que possibilitem um bom contato com a família da criança hospitalizada. A morte muitas vezes é inevitável, e com a morte vem à frustração de cura que não foi possível, e muitas vezes um sofrimento inarrável e neste momento, se estiver preparado, o pedagogo poderá ajudar.

Para que o pedagogo assuma a função de mediador de conhecimento é necessário ter muita coragem para enfrentar problemas ocasionados pela enfermidade em crianças hospitalizadas e superar a realidade esmagadora da luta pela sobrevivência. Para FONTES (2005, p.135), “o papel da educação no hospital e, com ela a do professor, é propiciar à criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço, ressignificando não somente a ele, como para a família e



especialmente a própria criança, sua doença e suas relações nessa nova situação de vida”. Esse profissional deve saber lidar com suas emoções e com a dos outros. É necessário que respeite a dor da criança e dos familiares.

Apesar de todo apoio, o pedagogo hospitalar em alguns casos acaba procurando terapias e seções de análises para evitar traumas. É um profissional que acima de tudo é humano, com sentimentos que por vezes se sente frustrado com situações que não puderam ser resolvidas de maneira agradável. Por isso diante dessa provável “perda” é necessário trabalhar a realidade do óbito, favorecendo assim a construção do conceito de vida e morte, pois a partir dos sete anos de idade a criança já adquiriu capacidade de entender o que é a morte. Portanto, como mediador, o profissional deve de maneira delicada trabalhar oferecendo subsídios para a compreensão da doença e da morte.

É preciso superar suas emoções nessa situação tão delicada, e procurar dividir seus anseios e seu estado de ânimo com seus colegas de profissão de forma que contribua para fornecer total apoio aos familiares e principalmente a outras crianças que estão em situações de risco.

## **2.5 O enfrentamento para aceitação do trabalho da pedagogia hospitalar**

Por lei crianças e adolescentes precisam e devem ser incluídas no processo educacional mesmo estando em situação de enfermidade, mas sabe-se que isso é uma realidade que ainda se encontra longe de ser alcançada e garantida a todos. Paula (2009) assinala que embora a educação no hospital e seja reconhecida pela legislação, isto ainda é muito recente e a conquista desse espaço ainda é lenta e gradativa.

Existe uma resistência quanto à atuação do profissional/pedagogo no ambiente hospitalar; os profissionais de saúde têm a concepção que o trabalho do pedagogo não oportuniza um bom desempenho, causando assim o entrave da intervenção do pedagogo nesse ambiente.

O trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar ainda é pouco conhecido pela sociedade em geral, e até mesmo por alguns profissionais da educação, e isso acarreta o descumprimento dos direitos da criança ser amparada em ambientes hospitalares. Mesmo assegurado por lei, alguns hospitais públicos e privados fazem pouco para favorecer esse atendimento. Sabe-se que o Estado deve garantir esse

atendimento, mas isso muitas vezes aparece somente no papel deixando uma lacuna e uma deficiência nesse atendimento que tem o papel de humanizar e acompanhar crianças enfermas.

Matos e Mugiatti (2009) apontam que apesar de ser a passos lentos, o atendimento hospitalar tomou novos rumos nos dias de hoje, alcançando reconhecimento e espaço na mentalidade dos que participam do trabalho hospitalar. Atualmente alguns estados da Federação Brasileira firmaram convênio com Secretarias de Educação buscando possíveis alternativas para solucionar o problema do atendimento educacional nos hospitais.

Outro obstáculo enfrentado é a estrutura, o espaço físico e o material didático insuficiente para oferecer um atendimento pedagógico adequado no ambiente hospitalar. Esse espaço fornecido na maioria das vezes é improvisado e sem horários fixos para o atendimento pedagógico, ocasionando ainda o difícil acesso ao mesmo. FONSECA (1999, p. 127), diz que:

Parece relevante ressaltar que, cabendo aos hospitais basicamente ceder espaço para a instalação de classes hospitalares, este atendimento 24 pedagógico-educacional tende a ocorrer nas enfermarias, o que denota não haver, por parte dos hospitais, o cuidado com o espaço a ser utilizado por esta modalidade de atendimento.

Fonseca ressalta ainda que poucos hospitais recebem apoio das Secretarias da Educação, materiais pedagógicos como jogos, mobiliário, papel, álcool, etc. Poucos hospitais possuem acessibilidade, não fornecem cadeiras de rodas para o traslado de crianças que estão impossibilitadas de se locomoverem até esse ambiente de aprendizagem.

As dificuldades e entraves são visíveis, e isso pode causar frustrações para o profissional/pedagogo, é necessário, portanto, o auxílio a esse profissional.

Um exemplo a ser citado neste trabalho diante de tal obstáculo é o planejamento e a busca por estratégias para um bom desenvolvimento em sua prática, na falta dessa estrutura o pedagogo pode desenvolver, se planejado adequadamente e com antecedência, seu trabalho montando provisoriamente o seu campo de trabalho, podendo ao fim do atendimento desmontar.

Matos e Mugiatti (2009) acreditam que a construção da prática pedagógica, para atuação em ambiente hospitalar, não pode esbarrar nas fronteiras do

tradicional. Portanto, o profissional deve estar ciente de que o ambiente hospitalar promove obstáculos que requer um planejamento e adequação para o bom desempenho em suas habilidades e a frustração de não ter um espaço adequado.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, o professor busca sempre o melhor para a criança que está em aprendizagem; o empenho e auxílio a esse profissional trará êxito se visto e amparado de perto. A criança, mesmo enferma e hospitalizada, precisa de um acompanhamento para que sua aprendizagem não seja interrompida por esse motivo.

### **3 METODOLOGIA**

Para obter os objetivos esperados foi adotada uma abordagem de natureza predominante qualitativa, onde foram coletados dados na busca de compreender o papel da Pedagogia hospitalar no processo de humanização de crianças hospitalizadas.

Neste presente trabalho não houve a visita em um campo de trabalho hospitalar, e sim questões norteadoras quem foram realizadas com profissionais do ambiente hospitalar e universitário, onde não se sabia o que poderia encontrar no curso dos acontecimentos.

#### **3.1 Campo empírico**

Foi realizada uma entrevista com profissionais integrantes do ambiente hospitalar e universitário localizados na cidade de Uruaçu. A escolha dos referidos entrevistados se deu pela necessidade de haver um ambiente onde se qualifique e tenha um profissional habilitado para atender crianças em idade escolar e que se encontram enfermas.

A pesquisa envolveu um trabalho com profissionais da saúde e profissional da formação docente de pedagogos, por manterem ligação direta com o objeto de pesquisa, possibilitando uma análise sobre o processo de humanização de crianças hospitalizadas que por motivos de enfermidades acabam ficando longos períodos em internação.

#### **3.2 Participantes**

Participaram desta pesquisa, uma professora graduada em Pedagogia e coordenadora do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, Campus de Uruaçu, uma estagiária graduando-se em Pedagogia, um médico ortopedista e uma enfermeira chefe.

#### **3.3 Escolha dos Participantes**

A escolha dos participantes se deu por motivos de que no ambiente hospitalar se encontram crianças que por motivos de enfermidade ficam um tempo

indeterminado em hospitais. Logo foi escolhido o ambiente de uma universidade devido à formação de pedagogos que deveriam sair habilitados para exercer a função de pedagogo também no ambiente hospitalar.

Nesse contexto, sabe-se que o pedagogo deve estar preparado para atuar também no ambiente hospitalar, e ainda receber apoio dos profissionais de saúde que estão sempre ao lado dessas crianças hospitalizadas. Sendo assim, esses profissionais estariam habilitados para responderem com mais convicção o questionamento realizado acerca da formação e da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Abaixo serão apresentados resumos das entrevistas feitas com os participantes que prontamente se colocaram a disposição da pesquisadora.

### 4.1 Entrevista com o profissional da saúde

Foi entrevistado um médico ortopedista de um hospital da cidade de Uruaçu-Goiás, o mesmo foi entrevistado em seu consultório onde foram feitas perguntas pertinentes ao assunto do presente trabalho.

Foi questionado se o hospital já trabalhou ou trabalha com a Pedagogia hospitalar, e o médico disse que não, já houve internações por longos períodos, mas nada que tivesse a intervenção do pedagogo nessa situação.

O médico ortopedista relatou que vê o trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar como um auxílio à criança hospitalizada, pois esta deve ser acompanhada por um profissional da educação para que a criança não perca o interesse pelos estudos mesmo estando hospitalizadas. Acrescentou ainda que acha importante a implantação dessa modalidade de trabalho no ambiente hospitalar.

Mesmo sendo de grande relevância, o médico entrevistado disse que essa modalidade de participação do profissional/pedagogo em relação a Uruaçu está longe de ser acessível e implantada nos hospitais da cidade, pois quando se tem uma internação prolongada à família da criança enferma solicita que esta seja transferida para a capital onde se tem médicos habilitados para tal especialidade. O mesmo acredita que a humanização do profissional/pedagogo ajudaria no ambiente hospitalar, onde crianças, mesmo em curto período de internação, não perderiam o entusiasmo e o interesse pelos estudos.

Finalizando a entrevista, contou um caso que presenciou em sua residência em um hospital onde atende crianças por longos períodos; contou que nesse hospital havia uma criança que ficou ali por três anos seguidos, e quando em fim recebeu alta do hospital começou a chorar e pedir para morar ali mesmo no hospital onde havia ficado tanto tempo; foi necessário que fizessem uma estratégia de adaptação com a criança, passava um dia em casa e outro no hospital, e assim fizeram, aumentando gradativamente os dias de retorno até que a criança não sentisse mais falta do ambiente hospitalar.

## **4.2 Entrevista com a coordenação do curso de Pedagogia**

Foi realizada uma entrevista com a coordenadora do curso de Pedagogia, onde na oportunidade foi feito um questionamento sobre as possibilidades da inserção na disciplina de AEA uma abordagem sobre a Pedagogia hospitalar.

A entrevistada disse que não consta na grade curricular nenhuma AEA que aborda a Pedagogia hospitalar, foi questionada a possibilidade de contemplar disciplinas nessa modalidade, e a coordenadora ressaltou que foi inserida na grade da AEA a abordagem sobre a Pedagogia em espaços não escolares, ou seja, de pouco a pouco, a Pedagogia vem se destacando em áreas que eram pouco conhecidas.

Foi levantada a questão de que a Universidade não se preocupa em formar pedagogos hospitalares, e em seguida a entrevistada respondeu que não só a Universidade deve assumir esse papel, mas também as políticas públicas que visam amparar todo esse requisito, possibilitando uma formação adequada a esses profissionais.

A coordenadora relatou que em Uruaçu não existe essa modalidade de atendimento em hospitais e ainda acrescentou que a lei existe, mas precisa que seja mais rigorosa quando a esse critério, e a matriz curricular seja repensada para que esses profissionais estejam habilitados para tal.

O trabalho do pedagogo hospitalar ajudaria e muito no cognitivo e intelectual dessas crianças enfermas, trazendo uma chance de recomeçar sem tanto danos à educação que foi interrompida devido ao longo período de internação. Acrescentou ainda que, se esse profissional não tem uma formação adequada ele não deve exercer esse papel, precisa-se de uma formação continuada ou uma especialização na área para que não se tenha a frustração de um trabalho mal feito.

## **4.3 Entrevista com Enfermeiro (a) chefe do hospital**

Foi entrevistada uma enfermeira chefe de um hospital da cidade de Uruaçu, onde na oportunidade foi feito um questionário com perguntas pertinentes ao papel do pedagogo em ambiente hospitalar.

No hospital onde foi realizada a entrevista foi constatado que este nunca trabalhou com a Pedagogia hospitalar, apesar de ser um hospital ortopédico, ou seja, sujeito a receber crianças com necessidade de internações longas, o que foi

confirmado pela enfermeira, afirmando que mesmo não tendo esse profissional o hospital já atendeu crianças em idade estudantil que ficaram internadas por longos períodos.

A entrevistada disse ainda que nunca havia escutado sobre a existência da Pedagogia no ambiente hospitalar, e considerou que seria sim muito importante o trabalho do pedagogo, auxiliando na recuperação e ajudando na continuidade dos estudos e, conseqüentemente em uma integração mais rápida a escola formal quando sair da internação.

No fim da entrevista disse que saberia encarar o trabalho do profissional/pedagogo dentro das limitações que o paciente oferecer; as crianças precisam de apoio, mas adequadas às suas condições e limitações impostas pelo quadro de profissionais da saúde.

#### **4.4 Analisando a teoria e a realidade**

Mediante o que foi relatado no decorrer deste trabalho, pode-se perceber que a Pedagogia Hospitalar foi criada para ajudar crianças enfermas que estão em período de escolarização e que por motivos de enfermidades passam um longo período em internação. Asseguradas por lei, essas crianças deveriam ser acompanhadas de perto por profissionais/pedagogos que auxiliam em atividades realizadas em ambiente hospitalar, onde o pedagogo deve ter um olhar direcionado às especificidades de cada educando. Segundo SILVA; ANDRADE (2013, p.19)

A Pedagogia Hospitalar se efetiva como um direito dos sujeitos que se encontram hospitalizados e consiste numa prática educativa inclusiva focada na atenção humanizada e no cuidado essencial àqueles que, acometidos por uma patologia aguda ou crônica, precisaram se afastar do convívio da família, da escola, da igreja e das demais instituições onde possuem uma rotina, para serem submetidos ao tratamento por tempo (in) determinado.

No decorrer deste trabalho, percebe-se que nem tudo pode ser considerado um “mar de rosas”; a lei existe e nem sempre é cumprida. Obstáculos apareceram e não foram poucos, a frustração é grande diante do descaso frente um problema que abrange várias crianças em período de escolarização, chega-se a pensar se a Pedagogia Hospitalar realmente está em prática diante da lei, especialmente na cidade de Uruaçu onde aparece nulamente colocada.



O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Lei nº 8.068/90 de 13 de Julho de 1990 ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)), destaca que:

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (incluído pela Lei nº 13.257, de 2016).

Art. 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referente à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Na teoria a lei deve ser exercida, mas o que foi visto é que isso está longe de ser alcançado, mediante as tentativas de uma visita a esses hospitais que “supostamente” exercem o papel de ter em seu quadro de funcionários um profissional/pedagogo que auxilie as crianças enfermas.

Sabe-se que as dificuldades existem, mas nem por isso esse direito deve ser esquecido, existem crianças que necessitam desse atendimento; atendimento esse que possibilitaria as mesmas continuidade a seus estudos sem muitos prejuízos.

Matos e Mugiatti ressaltam que:

O que mais importa é que a criança ou adolescente hospitalizado venha receber, sempre e com máximo empenho, o atendimento a que fazem jus, nessa tão importante fase de sua vida, na qual depende sua futura estrutura, enquanto pessoa e cidadão. (2014, p. 65).

Foi realizada uma entrevista em um hospital da cidade de Uruaçu com um médico ortopedista, uma enfermeira chefe, em uma universidade da cidade que oferece o curso de Pedagogia. Nessas entrevistas pode-se notar que há uma defasagem muito grande no aspecto de formar o profissional/pedagogo e trazer esse profissional para dentro do ambiente hospitalar.

O médico entrevistado disse que está longe para se ter um profissional como esse nos hospitais da cidade; já a enfermeira chefe diz que nunca tinha ouvido falar sobre esse profissional; a coordenação da Universidade diz que já se vem pensando em mudar a grade curricular e acrescentar essa disciplina, mas o que não sabemos

é se isso vai se efetivar tão logo diante a realidade que vemos. MATOS; MUGIATTI (2014, p.162) afirma que:

A sociedade está em débito com essas crianças e adolescentes. São seus direitos, saúde e educação, como também o seu futuro, que estão em jogo. Ou serão tais direitos apanágios exclusivos de crianças e adolescentes sadios? É uma questão de respeito ao ser humano, á sua dignidade, á sua liberdade e aos seus inalienáveis direitos.

As expectativas de uma visita ao ambiente hospitalar que tenha o pedagogo foi frustrada, e como se pode ver, é uma área em que existe uma defasagem muito grande a respeito da contribuição do pedagogo/hospitalar, não só em hospitais como também em sua formação na Universidade, pois pelo menos por agora, não está preparada para acrescentar essa disciplina em sua grade curricular, e isso é preocupante. Esse profissional/pedagogo deve estar habilitado para exercer a função de mediador do conhecimento formal a essas crianças que estão enfermas e hospitalizadas por longos períodos.

O pedagogo hospitalar vem contribuir expressivamente na superação dos desafios enfrentados por crianças enfermas, e para que isso tenha êxito é necessário um olhar minucioso para a formação desses profissionais, não só em sua preparação, mas também em hospitais que acolhem essas crianças, se é garantido por Lei, estai tem o dever de ser cumprida. LIMA; PALEOLOGO em seu artigo (apud, CECCIM 1999, p.43), afirma que:

A função do professor de classe hospitalar não é apenas ocupar criativamente o tempo da criança para que ela possa expressar e elaborar os sentimentos trazidos pelo adoecimento e pela hospitalização, aprendendo novas condutas emocionais, como também não é a de apenas abrir espaços lúdicos com ênfase no lazer pedagógico para que a criança “esqueça por alguns momentos” que esta doente ou em um hospital. O professor deve estar no hospital para operar com os processos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares às crianças.

Na cidade de Uruaçu isso está longe de acontecer, segundo o médico entrevistado, os hospitais da cidade não estão preparados para atender tal demanda; o hospital ortopédico que há anos atendia na cidade, hoje só atende consultas e seu quadro de funcionários foi reduzido; já o hospital existente, não atende tal demanda por motivos de que se a criança ficar internada por muito tempo,

os pais já pedem para ser transferida para hospitais da capital, ou seja, a cidade de Uruaçu está longe de atender essa área da Pedagogia.

## 5 CONCLUSÃO

A Pedagogia Hospitalar é uma área pouco conhecida e reconhecida pela sociedade, mesmo sendo de grande importância para crianças em período de escolarização.

Com isso a atuação do pedagogo nesse ambiente foi defendida nesta pesquisa, mesmo sendo pouco explorada nos cursos de Licenciatura Plena em Pedagogia e nos ambientes hospitalares da cidade de Uruaçu, se pode concluir que há pouca ou nenhuma divulgação desse trabalho de humanização às crianças hospitalizadas.

É necessário que o profissional pedagogo hospitalar tenha um olhar diferenciado quanto às especificidades de cada aluno atendido, mas para que esse atendimento tenha êxito é preciso uma flexibilidade no currículo escolar para que respeite as condições a que cada criança hospitalizada se encontra.

A atuação desse pedagogo no ambiente hospitalar pode possibilitar a superação aos desafios impostos a essas crianças enfermas que são acometidas por doenças que requerem uma internação prolongada que, na maioria das vezes são afastadas também de sua família. O pedagogo não só auxilia a criança como também a família, que por vezes acaba enfrentando a ansiedade para a recuperação de suas crianças e em alguns casos a possibilidade de enfrentamento de morte.

Desta forma este profissional/pedagogo poderia ajudar a possibilitar a humanização e a integração da saúde e a educação dessas crianças de forma menos sofrida e/ou até mesmo prazerosa por meio do lúdico e da brinquedoteca que auxiliam no aprendizado dos mesmos.

Durante a realização da pesquisa ficou clara que a realidade nos hospitais da cidade de Uruaçu está longe à adequação das necessidades dessas crianças. Um dos desafios encontrados foi o pouco interesse desses hospitais em integrarem em seu ambiente a atuação do profissional/pedagogo na humanização e auxílio a crianças hospitalizadas. Já na Universidade aonde foi realizada a pesquisa de campo, este problema parece estar longe de ser resolvido também, já que a matriz curricular não oferece uma formação adequada para o pedagogo na área da Pedagogia Hospitalar.

Sobre as entrevistas realizadas com profissionais da área hospitalar e também da Universidade foram relatadas as dificuldades para se formar pedagogos para trabalharem nessa área, ressaltando que nos hospitais se encontrou certa resistência da atuação desse profissional, apesar de não ter sido descartada, sabe-se que a atuação do pedagogo nesses ambientes está longe de responder à demanda para esse atendimento.

Apesar das dificuldades encontradas para a realização desta pesquisa, se pode concluir que este novo campo de atuação tem tudo para se ampliar e proporcionar uma aprendizagem significativa para crianças atendidas no ambiente hospitalar, que mesmo enfermas, trazem dentro de si o desejo de voltar a sua vida escolar mesmo internadas por longo período, afinal depois de saírem de esse ambiente hospitalar esperam voltar à escola e a sua vida social.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Paulo Roberto Antonacci. Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta a vida. Porto Alegre/RS: Editora UFRGS, 2011.

CONANDA. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado**. Disponível em:

[www.direitosdacrianca.org.br](http://www.direitosdacrianca.org.br) acessado em: 10/09/2016 às 15:30 .

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> acessado em: 23/06/2016 às 20:45. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm) acessado em: 16/08/2016 às 22:10

FONTES, Rejane de Souza. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista brasileira de educação**, n. 29, p. 119-138, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a10.pdf>>. Acessado em 14/10/2016 às 19:25

FONSECA, Eneida Simões da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999a. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97021999000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acessado 10/10/2016 às 23:29

MATOS, Elizete Lúcia Moreira e MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas, **Pedagogia Hospitalar: A Humanização Integrando Educação e Saúde**. 4 ed. Rio de Janeiro. Vozes. 2009.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando a educação e a saúde**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de; ZAIAS, Elismara. **A Classe Hospitalar como garantia do direito da criança e do adolescente hospitalizado: uma necessidade na cidade de Ponta Grossa**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE, 9., 2009, Curitiba. Anais do IX Congresso de Educação - EDUCERE, Curitiba: PUCPR, 2009. p. 1247-1259. Disponível em:

< [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2489\\_1128.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2489_1128.pdf)>. Acessado 15/10/2016 às 08:45.

PORTAL PLANALTO. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acessado em: 26/06/2016 às 16:23.

Sanya, Luciane do Rocio dos Santos de, **Pedagogia e Escolarização no hospital**. São Paulo 2014, IBPEX.

SILVA.N. de, ANDRADE E. S. **Pedagogia Hospitalar: Fundamentos e Práticas de humanização e cuidado**. Ed. UFRB: Cruz das Almas-Bahia 2013.

SILVA, Silvana Aparecida Siena e FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. **Pedagogia Hospitalar: a ação pedagógica em hospitais pediátricos.** Educação, Batatais, v. 3, n. 1, p. 31-52, junho, 2013.

## **ANEXOS**



## **APÊNDICES**



**ENTREVISTA – DIRETOR (A) DO HOSPITAL**

1 – O hospital trabalha ou já trabalhou com a Pedagogia Hospitalar?:

( ) sim ( ) não

2 – Já tiveram internados por longo tempo alguma criança em idade estudantil?

( ) sim ( ) não

3 – Como o (a) senhor (a) vê o trabalho do pedagogo hospitalar?

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4 – Acha importante e o hospital teria condições de implantar essa modalidade de trabalho?

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5 – A lei oferece garantias às crianças hospitalizadas por mais tempo o atendimento educacional. Como o senhor (a) vê isso em relação a Uruaçu?

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6 – Acredita que o trabalho de um pedagogo hospitalizar ajudaria na humanização do ambiente hospitalar? Qual? ( ) Sim ( ) Não Por favor, justifique sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



**ENTREVISTA – ENFERMEIRO (A) CHEFE DO HOSPITAL**

1 – O hospital trabalha ou já trabalhou com a Pedagogia Hospitalar?

( ) sim ( ) não

2 – Já tiveram internados por longo tempo alguma criança em idade estudantil?

( ) sim ( ) não

3 – Já ouviu falar do trabalho com a Pedagogia Hospitalar? Como vê esse trabalho?

( ) Sim ( ) Não

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4 – Acha importante e o hospital teria condições de implantar essa modalidade de trabalho?

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5 – A lei oferece garantias às crianças hospitalizadas por mais tempo o atendimento educacional. Como o senhor (a) vê isso, em relação a Uruaçu?

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6 – Acredita que o trabalho de um pedagogo hospitalizar ajudaria na humanização do ambiente hospitalar? Qual? ( ) Sim ( ) Não Por favor, justifique sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7 – Como a equipe de enfermagem encararia o trabalho do pedagogo hospitalar?

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



**ENTREVISTA – COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

1 – A Pedagogia Hospitalar é contemplada na Grade Curricular deste Campus?

( ) sim ( ) não

2 – Sabemos que existem possibilidades de contemplar disciplinas que não estão na grade através da AEA, nunca se pensou em outras modalidades para a Pedagogia?

( ) sim ( ) não

3 – Acredita que os professores estão preparados para trabalhar com essa modalidade?

( ) Sim ( ) Não. Poderia falar mais sobre isso?

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4 – Fizemos uma pesquisa e várias tentativas para que eu vivenciasse o trabalho do pedagogo hospitalar e infelizmente pude comprovar que apenas em Goiânia existe esse trabalho. Não seria talvez porque a Universidade não se preocupa em formar pedagogos hospitalares? ( ) Sim ( ) Não Por favor, justifique sua resposta.

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5 – A lei oferece garantias às crianças hospitalizadas por mais tempo o atendimento educacional. Como vê isso em relação a Uruaçu e a Universidade?

Resp. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6 – Acredita que o trabalho de um pedagogo hospitalar ajudaria na humanização do ambiente hospitalar? Qual? ( ) Sim ( ) Não Por favor, justifique sua resposta

\_\_\_\_\_